

NOTAS PARA UNA
METAPSIKOLOGÍA DEL DOLOR.
LAS AUTOLESIONES EN
LA ADOLESCENCIA.

ANOTAÇÕES PARA UMA
METAPSIKOLOGIA DA DOR.
AS AUTOLESIONES
NA ADOLESCÊNCIA.

NOTES FOR A
METAPSYCHOLOGY OF PAIN.
SELF-HARM IN
ADOLESCENCE.

Albana Paganini Paradedda
Asociación Argentina de Psiquiatría y Psicología de la Infancia y
la Adolescencia
Correo electrónico: albana.paganini@udp.cl
ORCID: 0009-0005-0365-1647

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Paganini P. A. (2023) NOTAS PARA UNA METAPSIKOLOGÍA DEL DOLOR.
LAS AUTOLESIONES EN LA ADOLESCENCIA.
Intercambio Psicoanalítico 14 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.1.7/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

NOTAS PARA UMA METAPSICOLOGIA DA DOR. AS AUTOLESÕES NA ADOLESCÊNCIA.

Albana Paganini
Paradedá¹

1 Mestre em Psicologia, com menção de Teoria e Clínica Psicanalítica. Universidade Diego Portales (Chile). Graduada pela ASAPPIA. Acadêmico da Faculdade de Psicologia da Universidade Diego Portales. Artigos recentes: Discursos da Psicologia em um modelo de subsídios escolares: a criança posta em valor. Autores: Mónica Peña, Albana Paganini. Publicado em Quaderns de Psicologia. Ano 2021. Vol.23. No.2. UAB <https://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/v23-n2-pena-paganini>

Resumo O artigo analisa certas formas de autolesão na adolescência, destacando que as autolesões podem se referir a diferentes formas de funcionamento psíquico. Nesse caso, surge a pergunta sobre a dor e sua proximidade com a angústia ou o luto. A dor é situada como uma vivência próxima ao que Green chama de trabalho do negativo, onde haveria uma vizinhança entre a dor e o vazio, pensando a dor como uma vivência que não pode ser transformada em um chamado ao outro. A dor seria o encontro com o vazio, onde a autolesão poderia ser pensada como uma tentativa de provocar uma qualidade sensorial ali onde não há sensação.

Palavras-chave: Dor, autolesões, adolescência, vazio.

Resumen El artículo analiza ciertas formas de autolesiones en la adolescencia, destacando que las autolesiones pueden remitir a diversas formas de funcionamiento psíquico. En este caso surge la pregunta sobre el dolor y su proximidad con la angustia o el duelo. Se sitúa el dolor como una vivencia próxima a lo que Green denomina trabajo de lo negativo, donde habría una vecindad entre el dolor y el vacío, pensando el dolor como una experiencia que no puede transformarse en un llamado al otro. El dolor sería el encuentro con el vacío, en donde la autolesión podría ser pensada como un intento de provocar una cualidad sensorial, allí donde no hay sensación.

Palabras Claves: Dolor, autolesión, adolescencia, vacío.

Abstract: The article discusses certain forms of self-injury in adolescence, highlighting that self-injury can refer to various forms of psychic functioning. In this case, the question of pain and its proximity to distress or mourning arises. Pain is situated as an experience close to what Green calls the work of the negative, where there would be a proximity between pain and emptiness, thinking of pain as an experience that cannot be transformed into a call to the other. Pain would be the encounter with emptiness, where self-injury could be thought of as an attempt to provoke a sensory quality, where there is no sensation.

Key words: Pain, self-injury, adolescence, emptiness.

“Eu abri o saco. Era um saco plástico transparente comum; dentro havia dez lâminas de barbear, lenços umedecidos com álcool embalados individualmente, compressas de gaze dobradas em quadrados macios e bandagens. Fiquei em pé com a sacola na mão e soube imediatamente o que era. Eu não tinha provas e nunca tinha visto nada parecido, mas eu sabia”
Tão Pouca Vida, Hanya Yanagihara. 2016 Edições Lumen

Recebo no meu consultório uma menina de 17 anos, que se automutila desde os 15. Primeiro cortes em seus quadris e depois em seus braços. Cicatrizes queloides como pulseiras rodeiam seus braços. Frente a minha expressão de dor, ela diz que não sente nada, rindo. Sua risada me surpreende pela forma como é acompanhada: perplexidade e fascinação ao mesmo tempo. Ela exhibe seus cortes como se fossem feridas de guerra, tendo umas cicatrizes mais profundas que outras. Ela fala sobre eles: alguns ficaram infectados, outros precisaram de ajuda médica para colocar pontos. Não são cortes repentinos ou impulsivos, ocorrem na solidão do seu quarto. Ela usa um estilete afiado e, como se fosse um bisturi, vai testando a profundidade do corte gradualmente. Ela parece descrever a dissecação de um corpo estranho, como se não existisse ali um corpo libidinal. Após do corte, ela mesma os cura com bandagens e desinfetante e espera para ver como cicatrizam.

Transitar pela adolescência implica uma longa viagem sujeita a diversos trabalhos, uma viagem pela vida psíquica de um sujeito que começa quando a maturidade sexual desponta em um corpo (Laplanche, 1998) que já tem uma história pulsional e fantasmática. Se o Complexo de Édipo supõe para Freud (Bleichmar, 2014) ligar as moções autoeróticas aos objetos primários de amor, considerando a repressão como uma forma de ligar, e os efeitos identificadores como fundamento do Eu, pode-se dizer que na adolescência essas ligações são postas a prova. Elas implicam uma nova recomposição sustentada no desapego dos objetos primários de amor que possibilitam o surgimento de novas formas de amor e identificação. Quando isso ocorre, o adolescente já é um jovem, posição subjetiva diferente marcada pelo surgimento dos ideais sustentados (Rodulfo, 2005) na passagem do jogo ao trabalho como produção simbólica. No entanto, nem sempre é possível uma travessia desta magnitude, às vezes as condições de partida não permitem, não há bagagem suficiente para essa viagem.

O adolescente não sempre ocupa essa posição subjetiva, seja porque há falhas primárias nas ligações amorosas que constituem os fundamentos narcisistas necessários para a vida, seja porque a pulsão parcial não está sujeita à repressão primária e irrompe, desvinculando o que foi ligado em forma frágil. Quando isso acontece, a adolescência não pode emergir, a viagem naufraga e as formas clínicas observadas não apresentam um estatuto sintomático. Um corte ou autolesão pode se referir a diversas formas de funcionamento psíquico, formas e figuras que não seguem necessariamente o caminho do sintoma. Silvia Bleichmar (2000)

estabelece a diferença da formação de um sintoma vinculado à repressão primária, com um transtorno como um fenômeno psicopatológico que indica falhas nessa repressão primária, apesar de que possa haver alguma dominância neurótica. Estabelecer distinções sobre as formas de funcionamento psíquico nas autolesões é essencial na medida em que nem todas respondem à mesma forma de funcionamento psíquico. Os cortes como comportamentos autoagressivos (Ale, 2017) são frequentemente pensados em alguns casos como tentativas fracassadas de luto, em outros casos associados a problemas transgeracionais ou falhas nos estágios iniciais da constituição psíquica. Haveria também uma referência ao corte como uma descarga que produz algum alívio frente a grandes magnitudes de excitação que não encontrariam saída por laços representacionais. Essas formas descritas transitam em organizações psíquicas repousando nos desfiladeiros do princípio do prazer-desprazer cujos efeitos se manifestam na angústia.

No entanto, outras perguntas surgem: como se constitui a experiência subjetiva da dor? Como poderia ser pensada a dor psíquica? Que relação existe entre a dor mental e a dor física? Seria possível estabelecer distinções?

Em “Além do Princípio do Prazer” (1920) Freud começa o texto questionando o princípio do prazer como regulador da vida psíquica, as tendências de evitar o desprazer e procurar prazer como descarga tremem, questiona-se o princípio econômico: *“Na alma há uma forte tendência ao princípio do prazer, mas certas forças ou constelações se opõem a ela, de modo que o resultado final nem sempre pode corresponder à tendência ao prazer”* (Freud, 1920, p.9, tradução própria).

Em relação à guerra e à neurose traumática, Freud aponta que quando há feridas de guerra, o dano físico contrariaria a produção da neurose traumática. Parece que as feridas de guerra ou os acidentes livram o sujeito do destino da neurose traumática. Seria preciso pensar que o status de ferido de guerra confere um lugar social, que possibilita um campo de identificações possíveis que libertam o sujeito do destino da neurose traumática. No caso das autolesões, é a própria jovem quem as inflige sem a possibilidade de ligar a excitação a uma rede de identificações. Nesse caso, a autolesão não é sustentada por identificações transitórias (Laplanche, 1996) mantidas por um grupo, como em outros casos de adolescentes.

No “Projeto para uma Psicologia Científica” (1895) Freud deixa uma seção para a dor: a dor consistiria na irrupção de grandes quantidades de excitação “Q” em direção ao sistema “Psi”. O sistema Psi é um sistema mnemônico que forma um cruzamento entre as excitações externas, o sistema perceptivo e as excitações que vêm da periferia interna. A dor seria produzida por quantidades hipertróficas de excitação vindas da periferia externo-interna, que o sistema Psi não poderia derivar passando por todos os caminhos de descarga possíveis. A definição é quantitativa, a quantidade de excitação transformaria os neurônios do sistema Psi em “passadeiras” sem poder desviar essa excitação. Na dor,

os dispositivos que diferenciam os sistemas Omega e Psi falham de um jeito que a distinção entre Q e Qn é eliminada. Essa anotação é interessante porque a dor como excitação eliminaria as diferenças de origem da excitação periférica daquela ligada ao sistema Psi (não se sabe o que dói), deixando sequelas no sistema Psi (Freud, 1985) definidas como facilidades duráveis. No sistema mnemônico permaneceria um curso ou caminho de condução da dor.

No entanto, é necessário ser capaz de estabelecer a distinção entre a quantidade pensada em termos econômicos e a qualidade da dor como uma vivência subjetiva. Para entender a qualidade da dor, é necessário introduzir a vivência de satisfação primária, que pode ser definida como um modelo que dá conta do funcionamento do sistema Psi.

Quando Freud define a vivência de satisfação, ele a nomeia como a "*fonte primordial de todos os motivos morais*" (Freud, 1985, p.365, tradução própria), uma anotação que surge após uma descrição da experiência em termos biológicos, e que de alguma forma se poderia dizer que tem o caráter de enigma, pois o que se descreve como uma vivência é uma série de atos e movimentos que são desencadeados a partir do estado de desamparo do bebê e que terminam em uma distensão mais ou menos prolongada. A sequência descrita por Freud poderia ser esboçada da seguinte forma: Num lactente submetido à pressão vital, a tensão Qn produz um estado de excitação que só pode ser cancelado com a ajuda de outro. O saldo dessa vivência seria a alucinação primária do desejo, ou seja, um caminho mnemônico que seria reativado em caso de aumento da tensão. A pergunta (Laplanche, 1973) é como a partir de uma vivência, que poderia ser pensada em termos de tensão-distensão, se inscreve a alucinação primária do desejo. Ou seja, como a quantidade se transmuta em vivência qualificada. O componente que fundamenta essa vivência não se situa na natureza da excitação endógena, mas no fato de ela acontece em um cenário que convoca a alteridade em sua forma mais radical.

Em seu livro "A Fundação do Inconsciente" (1993), Silvia Bleichmar propõe uma interpretação da vivência que poderia explicar a passagem da quantidade à qualidade chamada alucinação primária do desejo. Não se trataria apenas de apaziguar uma necessidade, mas nesse ato de apaziguamento irrompe ao mesmo tempo um objeto sexual traumático excitante que vem do outro, deixando um resquício excitatório que deveria procurar outras formas de ligação ou apaziguamento. O autoerotismo, chupar a mão, a sucção do bebê cumpririam uma função que organizaria esse excesso de excitação. A alucinação primária do desejo é definida como um movimento ou impulso que tende a ligar um conglomerado de signos indicantes ou inscrições muito primárias no momento em que surge o desprazer efeito do estado de tensão. Desse jeito, o que transmuta quantidade em qualidade é a intervenção do outro cujo saldo deixa caminhos facilitadores ou traços que delineiam a vivência. Por outro lado, a tensão excitatória que deve procurar formas de resolução

não estaria ligada à fome, mas ao fato do que outro paradoxalmente introduz um estado de excitação no mesmo momento em que satisfaz uma necessidade.

Uma vez descrito o estado de desejo, Freud (1895) introduz o Eu, pois a reativação do desejo alagaria o funcionamento psíquico sem a possibilidade de descarga de tensão. O Eu faz parte do sistema Psi, definido como um conjunto de neurônios facilitados entre si que inibiriam o aumento da tensão, dando ela um rumo ou desvio diferente da descarga. O Eu funcionaria como um processo de indução que desvia parte da excitação através de várias vias colaterais. A ação inibitória do Eu permitiria a distinção entre lembrança e percepção. Haveria uma inscrição residual de certas características do objeto que não são idênticas aos objetos do mundo, mas respondem aos traços deixados pela vivência de satisfação ligada ao encontro com o outro.

Em relação à dor, a primeira pergunta é se esta vivência poderia funcionar de forma semelhante à vivência de satisfação, observando primeiro que a qualidade da vivência responde a inscrições primárias hostis. Ou se, no caso de aumento da tensão, a função inibitória do Eu não consegue desviar o excesso de excitação para vias colaterais pela ausência de um curso que facilite o desvio.

Freud (1895) tenta estabelecer no Projeto uma distinção entre o desprazer tensional que poderia surgir pela homologação da vivência da dor, e o modelo de funcionamento da vivência de satisfação. O que produz a dor em Psi em primeira instância é o aumento de tensão gerando desprazer, haveria uma espécie de facilitação entre o aumento da tensão e a inscrição mnemônica do objeto hostil ou desagradável. O desprazer poderia ser a experiência mais próxima à dor. No entanto, se lemos com atenção, parece que a dor escapa ao princípio regulador do prazer-desprazer organizado pelo aparelho psíquico incipiente. Pontalis (1978) se pergunta se é possível pensar a dor em termos de desprazer ou se é necessário atribuir-lhe o estatuto de experiência irreduzível que não permite nenhum percurso ligante.

No modelo do Projeto, Freud (1985) aponta que inicialmente haveria uma oposição ou certo antagonismo entre a vivência de satisfação e a vivência da dor, mesmo que as duas tenham uma origem corporal libidinal. A vivência da dor não seria equiparada ao desprazer, ou seja, estaria fora do princípio de prazer-desprazer que regula o funcionamento psíquico. Nesse sentido, se é uma experiência que não se regula pelo prazer-desprazer, estaria em questão a possibilidade de uma ligação? Devemos pensar em uma economia da dor que não esteja sujeita aos princípios que organizam o aparelho psíquico? A dor parece seguir um caminho diferente da ordem prazer-desprazer, embora tanto a vivência de satisfação quanto a vivência da dor tem uma fonte corporal libidinal. Green (1986) numa leitura do narcisismo associado à pulsão de morte define-o como uma sombra ou um duplo do narcisismo da vida. Retoma o Eu do Projeto, situando ali um vazio, uma anestesia ou um espaço em

branco cujo saldo é a alucinação negativa do desejo. Poderia se pensar no antagonismo entre as duas vivências, onde a dor poderia estar associada à alucinação negativa do desejo, outra organização psíquica comandada pela pulsão de morte. Nesse caso, pensando na autolesão da jovem, o corte poderia ser uma tentativa frustrada de alívio quando a sombra do vazio emerge na solidão do quarto; não seria ligar o desligado, mas sim excitar o inerte ou o vazio do Eu. Fazendo um corpo em um corpo estranho provocando uma qualidade sensorial. A dor não é o corte, a dor é o encontro com o mais absoluto vazio.

No apêndice C de “Inibição, Sintoma e Angústia”, Freud (1926) retoma o tema da dor, sua relação com a angústia e o luto. Pontalis (1978) aponta como Freud colide com o problema irreduzível da dor e tenta integrar ele em sua teoria. Freud se pergunta quando a separação do objeto produz angústia, quando produz luto e quando causa dor. Aparentemente três registros ou formas de funcionamento psíquico que não podem ser igualadas. Para pensar a vivência da dor, ele recorre à angústia do infante frente à categoria do estrangeiro ou não maternal. O rosto da criança menciona Freud (1926) indica dor. Um bebê não consegue imaginar quanto tempo durará a ausência da mãe e se comporta como se nunca mais fosse vê-la. A dor é a reação à perda do objeto e a angústia está ligada ao perigo que essa perda pode acarretar. Freud aponta que a dor é a reação genuína à perda do objeto.

Freud retorna ao Projeto (1895) sugerindo outra possibilidade: é possível que a dor seja a coalizão de um estímulo que atravessa as barreiras protetoras antiestímulos atuando como uma excitação pulsional constante, a ponto de haver uma independência entre essa forma de dor e as vivências das necessidades do bebê. A hipótese do Projeto é retomada, aparentemente a dor não pode ser pensada sob a lógica do prazer-desprazer, ao jeito de uma necessidade insatisfeita.

Parece que haveria uma dificuldade em diferenciar a dor corporal da dor psíquica. A dor não pode ser homologada à angústia, à perda do objeto ou à ausência de satisfação. No entanto, em relação à dor corporal, Freud (1895) aponta que ela responderia a um investimento narcísico do lugar de sofrimento que poderia exercer um esvaziamento no Eu. É esse esvaziamento do Eu que leva a Freud a colocar a dor como um estado semelhante ao luto que evoca uma ausência. A passagem da dor corporal à dor psíquica opera da mesma forma que a passagem da investidura narcísica à investidura objetal. Haveria então uma semelhança entre a vivência da dor e do luto.

Assim, pareceria que a dor se situa em um lugar limite: poderia ter certa proximidade com o luto na medida em que haveria um esvaziamento do Eu, mas, como aponta Pontalis (1978), não haveria possibilidade de criação de sentido, mas antes, uma transferência de um registro para o outro, a dor corporal é transformada em dor psíquica e a psíquica em corporal. Nesse ponto haveria uma distinção com a angústia: a angústia se entrelaça em formações fantasmáticas, ela produz representações,

delineia a alteridade na ausência. A dor, seguindo a Pontalis (1978), é um grito que não chama, é um grito que não pode ser mitigado, apenas silenciado até que surja novamente.

A angústia produz certo distanciamento progressivo de um corpo em sua materialidade na medida em que ele já possui certa qualificação, como aponta Laplanche (2000), já haveria certa estrutura significativa. A dor encenaria a presença de um objeto morto-vivo que obtura a possibilidade de elaboração do luto. Nesse sentido, se houvesse certa proximidade entre o funcionamento psíquico do luto e da dor, talvez se pudesse pensar, seguindo a Green (1994), como uma vivência ligada ao trabalho do negativo próprio da pulsão de morte. Uma forma de ligação não necessariamente de elaboração, onde a relação com o objeto inerte não abre caminho para a produção (Singer, 2014) da representação-palavra-símbolo, mas sim para a concretização de um objeto pleno presente que não deixa de ser perdido, e deixa entrar a ausência. Um pleno que veicula o inanimado, se pensarmos no luto como uma aposta pela vida.

Referencias bibliográficas

- Ale, M. (2017). *Del corte a la metáfora*. En Problemáticas Adolescentes, intervenciones en la Clínica actual. Morici, S. y Donzino, G. (comps). Centro de publicaciones educativas y material didáctico. Buenos Aires: Editorial Noveduc
- Bleichmar, S. (1993). *La Fundación de lo inconsciente*. Buenos Aires: Amorrortu Editores
- Bleichmar, S. (1986). *En los orígenes del sujeto psíquico*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Bleichmar, S. (2000). *Clínica Psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Bleichmar, S. (2014). *Las teorías sexuales en psicoanálisis*. Buenos Aires: Editorial Paidós
- Freud, S. (1895). *Proyecto de Psicología*. En Obras Completas, Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1920). *Más allá del Principio de placer*. En obras Completas, Vol XIX. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1926). *Inhibición, Síntoma y Angustia*. En Obras Completas, Vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Green, A. (1986). *Narcisismo de vida, narcisismo de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Green, A. (2014). *¿Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?* Buenos Aires: Amorrortu Editores
- Laplanche, J. (1996). *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Laplanche, J. (1973). *Vida y muerte en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Laplanche, J. (2000). *La angustia. Problemáticas I*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Pontalis, J-B. (1978). *Entre el sueño y el dolor*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana
- Rodulfo, R. (2005). *Estudios clínicos. Del significativo al pictograma a través de la práctica psicoanalítica*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Singer, F. (2014). *Duelo y trabajo de objetualización*. En revista de Psicoterapia Psicoanalítica. Tomo VIII. No 4 AUDEPP. Montevideo: Editorial Fin de Siglo

VOLVER AL INDICE